

O Conde D'EU em Manaus (Robério Braga)



1889, julho

No primeiro dia daquele mês tomara posse em Manaus, como presidente da Província do Amazonas, O Dr. Manoel Francisco Machado, trigésimo e último presidente, para gerir uma administração que se anunciava promissora a partir de uma capital meio pobretona.

Se as transformações urbanas dos primeiros tempos de florescimento da borracha começavam a dar um outro ar a Manaus por volta de 1880, a capital que recebeu o Príncipe às vésperas da proclamação republicana, ainda deixa deixava muito a desejar em condições urbanas, vida social e higiene pública. A cidade à moda europeia depois decantada em prosa e verso só surgiria com a República e notadamente com Eduardo Ribeiro, mas a mão-de-obra nordestina advinda com a seca de 1877 já dera uma enorme contribuição na vida econômica e os cofres provinciais permitiam mudanças expressivas para a época, notadamente na administração de José Paranaguá e na seguinte, de Theodureto Carlos de Faria Souto, com a abolição da escravatura negra.

Cumprindo viagem que encerrara para conhecer as terras brasileiras do norte e possivelmente estimular o entendimento de fundação de um terceiro Império com a princesa Isabel, sua mulher, chegou a Manaus em 3 de julho de 1889 o Conde d'Eu, viajando no vapor Alagoas, anunciado pelo tiros partidos da cachoneira Manaus, que fora receber o navio na entrada da barra. Todas as autoridades e pessoas gradas estavam a postos: o presidente Machado, o comandante de armas, os representantes do poder legislativo provincial, câmara da capital, os corpos diplomáticos acreditados no país e representados no Amazonas e pessoas várias que embarcaram nos navios João Alfredo e Perseverança, de propriedade da Companhia do Amazonas, posto no cais para irem receber, no meio do rio Negro, o pacote que trazia uma das figuras do Império brasileiro.

Em terra formou-se um cortejo especial que seguiu do porto para a igreja Matriz, visitou a Câmara Municipal, várias repartições, quartéis, escolas e assistiu a espetáculo especial no Éden Theatro. Ficando hospedado no edifício do Liceu, único considerado em receber o Príncipe imperial.

As autoridades mais representativas da época e que por certo foram receber o Conde, eram: tenente-coronel Inocêncio Galvão de Queiroz, comandante das Armas da Província; capitão-de-mar-e-guerra Salustiano Caetano dos Santos, comandante da Flotilha de Guerra, Lourenço da Rocha Pompeu, administrador dos Correios, Sebastião J. de Magalhães Braga, Chefe de Polícia, logo depois substituído por José Elysio de Carvalho Couto; Lauro Baptista Bittencourt, diretor das Obras Públicas; Saturnino de Lourenço Marães, inspetor da Tesouraria da Fazenda; Olímpio Giffenig Niemeyer, secretário do Governo e José Tavares da Cunha Melo, diretor da Instrução Pública.

O Éden Theatro foi inaugurado em 3 de maio de 1888 com apresentações da Companhia

Dramática e de Operetas de Eduardo Álvares, mediante e em seguida, a partir de 30 de agosto, apresentaram *La Mascote de Edmond Audran*, *Fantasma Branco* de Francisco Libanio Colas, *Niniche*, de Boullard. A empresa foi contratada por Benjamin Lucas para trabalho em Manaus e a orquestra era dirigida por Roberto Barros. A aceitação dos espetáculos animou o governo provincial a custear outra temporada no ano seguinte.

O espetáculo especial para o Príncipe foi a 4 de julho com apresentação de Adele Naghel com uma criada impagável, e a revista de costumes *No Reino da Lua*, em 2 atos, que tratava de questões locais há pouco acontecidas. Não era nada de grandioso, mas as temporadas seguintes foram valorizadas por espetáculos de melhor quilate e composição.

O Éden Theatro tinha luz elétrica mas a qualidade do serviço era ainda precária. Os fundos do teatro davam para a rua Demétrio Ribeiro.

O Liceu Provincial teve a sua obra autorizada por lei especial em 1880 e iniciada em maio do ano seguinte e nele trabalharam operários contratados por João Carlos Antony, José Cardoso Ramalho, Antonio Ruibal, dentre outros, sendo concluída em 5 de setembro de 1886, mas em 1893 ainda eram realizadas obras e serviços ditas como necessárias à sua conclusão. É prédio de dois andares, com estrutura de caixa greco-romana, exemplar típico de arquitetura neoclássica.

Era portanto, prédio novíssimo, imponente, de salões largo e arejados, capazes de receber com a dignidade principesca o Conde d'Eu.

Dias depois seguiu viagem para o rio Solimões, chegando até a fronteira com o Peru, a bordo do vapor Pumari, acompanhado de seu camareiro, o barão de Corumbá e dos deputados provinciais.

Silvério José Nery, Raimundo Rocha Filgueiras, Lourenço Ferreira do Couto e do cientista Barbosa Rodrigues, enviado para Manaus para instalar o Museu Botânico do Amazonas por iniciativa direta da princesa.

Retornando a Manaus não mais ficou hospedado no Liceu, mas no Palácio do Governo e visitou outros colégios e repartições, sendo alvo de um banquete festivo.

Regressou ao sul do país no vapor Pumari, a 14 de julho de 1889.

Era uma viagem de cunho político, da qual resultaram algumas anotações e relatórios administrativos a sinalizar preocupações com o funcionamento da administração provincial, disposição da população. Uma sinalização objetiva, pelo que vira e ouvira, da realidade local naquele ano.

Fontes:

1. PÁSCOA, Márcio. *Cronologia Lírica de Manaus*. Manaus: SEC/ Valer, 2000.
2. _____. *A Vida Musical em Manaus na época da borracha*. Manaus: SEC / Funarte, 1997.
3. SOUZA, Antonio Monteiro, MENEZES, Apírio Martins de, COELHO, Joaquim Leovigildo de Souza. *Amazônida, História e Administradores do Amazonas*. Manaus: Governo do estado, 1966.
5. MESQUITA, Otoni. *Manaus História e Arquitetura*. Manaus: Editora Valer. 2.a ed.; 1999.